

# O Apelo de Paulo por Onésimo

Tendo preparado Filemom para uma difícil exposição, Paulo pôs-se a fazer sua solicitação. O que vem a seguir merece o título de “obra-prima da persuasão cristã”. Numa combinação de firmeza e mansidão, ao estilo de Cristo, Paulo intimou Filemom a fazer o que era certo. Os versículos 8 a 14 (também) no texto grego formam um único, longo e complexo período gramatical.

8, 9

**“Pois bem, ainda que eu sinta plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém, prefiro, todavia, solicitar em nome do amor, sendo o que sou, Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro de Cristo Jesus.**

**Versículo 8. Pois bem** (διο, *dio*) aponta para a saudação e a oração citadas anteriormente como o fundamento sobre o qual se fazia o argumento seguinte. Nem o nome de Onésimo (v. 10) nem a natureza específica do pedido de Paulo (v. 17) tinham sido mencionados até então. **Ainda que eu sinta plena liberdade** exibe o delicado equilíbrio entre a força dos argumentos de Paulo e o tom respeitoso de seu apelo. Paulo tinha autoridade apostólica, mas ele não se valeria disso nesta ocasião. “Plena liberdade” era uma suave alusão a essa realidade. **Em Cristo** é a base para todos os relacionamentos envolvidos na carta. Cristo era a nova realidade (Gálatas 3:28; 2 Coríntios 5:17). Na visão do mundo, Filemom estava bem acima de Paulo, pois era rico e não estava preso. Todavia, essas distinções já não importavam em Cristo. A proposta de Paulo não era conduzida por falta de liberdade ou confiança, mas estava profundamente enraizada em sua certeza em Cristo Jesus.

**Para te ordenar** traduz o verbo grego ἐπιτάσσω

(*epitasso*), que significa “dar ordem com autoridade”<sup>1</sup>. Foi a palavra usada por Jesus quando Ele mandou um espírito mau sair de um jovem (Marcos 9:25). Os discípulos usaram a mesma palavra quando se admiraram da capacidade do Senhor de expelir tais espíritos (Marcos 1:27) e de acalmar a tempestade no mar (Lucas 8:25). Convém observar que Paulo não usou este termo em nenhuma de suas cartas exceto nesta, onde ele se recusou a ordenar ou mandar Filemom fazer o que ele disse. Paulo era sempre muito direto em suas instruções, mas parece que nesta situação ele teve o cuidado de não parecer rude. Ou “mandão”. Em vez de abordar Filemom como um pai a um filho, um chefe a um empregado, ou um senhor a um escravo, Paulo optou por escrever de irmão para irmão.

**O que convém** é uma expressão que hoje equivale a “o que é certo”. Paulo estava dando a Filemom razão e motivos suficientes para fazer o que deveria ser feito no caso de Onésimo. A execução dos detalhes era algo que Filemom faria a seu modo.

**Versículo 9. Prefiro, todavia, solicitar** é uma tradução do verbo grego παρακαλέω (*parakaleo*). Era uma palavra tipicamente usada por Paulo quando ele rogava por determinada resposta ou comportamento (Romanos 12:1; 1 Coríntios 1:10; Efésios 4:1; Filipenses 4:2). Aqui o termo está em oposição à “ordem” (v. 8) que o apóstolo não estava dando.

**Em nome do amor** reflete um aspecto do comportamento de Filemom que Paulo já havia aprovado (vv. 5, 7). O amor é a ética central da fé cristã e a característica que melhor o define (Mateus 22:37–40; Joao 13:34, 35; 1 Coríntios 13). O amor, não a im-

<sup>1</sup>Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 383.

sição pela ordem, era a base do apelo de Paulo a Filemom. Markus Barth e Helmut Blanke sugeriram que esta parte do versículo 9 “poderia servir de título de todo o livro de [Filemom]”<sup>2</sup>.

Apresenta-se então uma base para o apelo: **sendo o que sou, Paulo**. A solicitação específica a Filemom ainda não tinha sido feita; a parte potencialmente explosiva da carta estava próxima. Quase como que tomando fôlego antes de lançar a difícil frase, Paulo mencionou outra vez sua própria situação, mantendo, assim, o foco em si mesmo até o último instante<sup>3</sup>.

A palavra traduzida por **o velho** é vertida por “o representante” na NTLH. Barth e Blanke, em apoio a “embaixador” como melhor tradução, equipararam o uso de “o velho” a uma “extorsão emocional”<sup>4</sup>. Todavia, embora ambas as traduções sejam possíveis, “o velho” não deve ser visto como um termo manipulador. Ademais, “embaixador” não parece fazer jus ao cuidado de Paulo de não mencionar sua autoridade apostólica a Filemom. A expressão “Paulo, o velho” permitiu ao apóstolo, em seus mais de cinquenta e possivelmente sessenta e poucos anos de idade, apresentar-se como uma figura simpática e amável, sem ser piegas. **Prisioneiro de Cristo Jesus** é exatamente a mesma expressão usada no versículo 1 para apresentar o apóstolo preso. A autoridade com que Paulo agiu nesta situação decorria principalmente de sua experiência, idade, amor e sofrimento. Será que ele poderia ter sido mais claro do que foi, fazendo um pedido com base no amor, e não emitindo uma ordem com base em autoridade?

#### 10–14

<sup>10</sup>**Sim, solicito-te em favor de meu filho Onésimo, que gerei entre algemas.** <sup>11</sup>**Ele, antes, te foi inútil; atualmente, porém, é útil, a ti e a mim.** <sup>12</sup>**Eu to envio de volta em pessoa, quero dizer, o meu próprio coração.** <sup>13</sup>**Eu queria conservá-lo comigo mesmo para, em teu lugar, me servir nas algemas que carrego por causa do evangelho;** <sup>14</sup>**nada, porém, quis fazer sem o teu consentimento, para que a tua bondade não venha a ser como que por obrigação, mas de livre vontade.**

<sup>2</sup>Markus Barth e Helmut Blanke, *The Letter to Philemon: A New Translation with Notes and Commentary*, The Eerdmans Critical Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000, p. 315.

<sup>3</sup>Podemos comparar isto à maneira como Jesus desviou a atenção da mulher adúltera para Si mesmo interrompendo e escrevendo na terra (João 8:1–11).

<sup>4</sup>Barth e Blanke, p. 324.

**Versículo 10. Sim, solicito-te** repete o verbo grego *parakaleo* do versículo 9<sup>5</sup>. **Em favor de** é uma tradução da preposição grega *περι* (*peri*), que, estando seu objeto no caso genitivo (*τοῦ ἐμοῦ τέκνου*, *tou emou teknou*), como ocorre aqui, significa “sobre”, “a respeito de”, ou “com referência a”. Paulo estava solicitando um favor de Filemom referente a uma situação que envolvia uma pessoa ainda não citada pelo nome, Onésimo, seu filho na fé. Paulo costumava se referir a quem se tornara cristão por conta de seu ministério como **meu filho** (1 Coríntios 4:14–17; Gálatas 4:19; 2 Timóteo 1:2).

No texto grego o nome **Onésimo** só aparece no fim do versículo. Infelizmente as versões portuguesas inserem o nome no meio do versículo, após “meu filho”, em prejuízo da crescente tensão e suspense gerados pela menção do nome. Paulo já havia escrito várias linhas da carta (vv. 1–10) sem mencionar Onésimo pelo nome. Isto remete à narrativa em que o nome “Isaque” é adiado com tanto suspense em Gênesis 22:2. “Onésimo” significa literalmente “útil”. Embora fosse um nome às vezes dado a homens livres, era mais comum entre escravos.

**Que gerei entre algemas** contém muita ironia. Pela terceira vez na carta, Paulo fez referência à sua prisão (vv. 1, 9). A palavra aqui significa literalmente “algemas” ou “grilhões”, os dispositivos utilizados para impedir que o indivíduo fugisse. Enquanto estava preso (ou, no mínimo, em prisão domiciliar, como em Atos 28:30, 31), Paulo tornou-se o pai espiritual de um filho. A prisão não pôde deter o avanço do reino de Deus. Mais uma vez, os esforços para impedir Paulo de pregar Cristo acabaram “contribuindo para o progresso do evangelho” (Filipenses 1:12). Talvez a expressão mais fiel deste versículo seja a paráfrase de J. B. Phillips: “Estou pedindo em favor de meu filho. Sim, tornei-me pai, embora esteja preso a sete chaves, e o nome da criança é... Onésimo!”<sup>6</sup>

**Versículo 11. Ele, antes, te foi inútil; atualmente, porém, é útil** era um jogo de palavras em relação ao significado literal do nome de Onésimo, “útil”. Paulo reconheceu que antes Onésimo fora um escravo inútil, talvez por preguiça, ladroagem (v. 18), ausência ou as três coisas. Todavia, embora tenha sido, antes, inútil (*ἄχρηστος*, *archrestos*), ele se tornara útil (*εὐχρηστος*, *euchrestos*). **A ti e a mim** é outro lembrete gentil de

<sup>5</sup>Ele também ocorre duas vezes em Filipenses 4:2.

<sup>6</sup>J. B. Phillips, *Cartas para Hoje – Uma Paráfrase das Cartas do Novo Testamento*. Trad. Márcio L. Redondo. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1994, p. 170.

que Paulo se beneficiou do tempo que Onésimo passou com ele. Muitos comentaristas acreditam que Paulo estivesse insinuando a Filemom que libertasse Onésimo e o deixasse voltar para Roma, onde ele seria uma grande ajuda para o apóstolo preso. Se era esse o caso, Paulo deixou claro que Onésimo era um homem transformado e não o escravo inútil de antes, quando saiu da casa de Filemom.

**Versículo 12.** A frase: **Eu to envio de volta** introduz a ideia de um escravo fugitivo. Presume-se, normalmente, que Onésimo fugiu da escravidão sem plano de voltar. Nesse caso, ele era um fugitivo que corria o risco de ser capturado, devolvido ao seu dono e severamente punido.

A lei permitia castigos severos contra um escravo fugitivo: ele poderia ser vendido por seu senhor a outro senhor, talvez um dono de escravo mais rude; também poderia ser açoitado, marcado, mutilado ou preso a uma coleira de metal, talvez até crucificado, lançado às feras ou morto...<sup>7</sup>

James D. G. Dunn salientou a possibilidade de que Onésimo não havia fugido da escravidão, mas que meramente teria procurado “uma terceira pessoa amiga”, mentora de seu senhor, para ajudar a mediar uma controvérsia entre escravo e senhor<sup>8</sup>. Mesmo se isto fosse verdade, Onésimo ainda era legalmente um escravo, sua contínua ausência da casa de Filemom era ilegal, e a lei romana exigia que ele voltasse para o seu senhor.

Por isso, Paulo mandou Onésimo de volta para Filemom. Conquanto não fosse esta a prescrição do Antigo Testamento para um escravo fugitivo (Deuteronômio 23:15, 16), a medida era conivente com os ensinamentos de Paulo sobre escravos nas igrejas do primeiro século (Efésios 6:5–8; Colossenses 3:22–25). Não é evidente se a ideia de voltar foi originalmente de Paulo ou de Onésimo, mas é bem provável que tenha vindo do apóstolo.

Paulo tinha grande confiança em Filemom, porém mandar Onésimo de volta era um risco tanto para Paulo quanto para o escravo.

Quando um escravo voltava por vontade própria por causa da miséria enfrentada durante a fuga, ou por ser obrigado a isso por pessoas ávidas por uma recompensa, ou por policiais, seu destino

*dependia inteiramente do seu dono. O escravo podia ser açoitado ou espancado até ficar aleijado; podia ser marcado a ferro na cabeça ou nos braços; podia ter as plantas dos pés queimadas com placas de ferro; um colar de metal com o seu nome e endereço podia ser preso ao redor do seu pescoço ou podia até ser morto como um alerta aos parceiros (grifo meu).<sup>9</sup>*

Sabendo quais eram as possibilidades, Paulo sentiu-se como se estivesse mandando [seu] **próprio coração**. Novamente, como no versículo 7, o apóstolo usou a intensa palavra “coração”, equivalente a “partes internas”. Ele esperava que Filemom, o qual aliviara o coração dos santos, lidasse cordialmente com “o próprio coração” (Onésimo) de Paulo quando este voltasse para ele.

**Versículo 13. Eu queria conservá-lo comigo mesmo** expressa o desejo pessoal que Paulo tinha de manter Onésimo consigo em Roma. O verbo grego equivalente a “eu queria” (ἐβουλόμην, *eboulomen*) está no tempo imperfeito, permitindo a tradução “eu estava querendo”. Isto indica que a decisão de mandar Onésimo não surgiu nem rapidamente nem facilmente na mente de Paulo. “Eu”, que na gramática grega é um pronome enfático, coloca mais uma vez o holofote sobre Paulo e não sobre Onésimo.

**Para, em teu lugar, me servir** soa muito parecido com o que Paulo escreveu aos filipenses sobre o serviço que Epafrodito lhe prestou em favor da igreja filipense (Filipenses 2:25–30). Paulo deu os créditos do bem que Onésimo lhe fizera a Filemom, mesmo que este não tivesse a intenção de que seu servo servisse dessa maneira. **Nas algemas que carrego por causa do evangelho** consta literalmente como “nas algemas do evangelho”. Esta é, pela quarta vez nos primeiros treze versículos (1, 9, 10, 13), uma referência ao fato de que Paulo estava escrevendo da prisão. No contexto do versículo 13, a menção da prisão serviu para lembrar Filemom que o apóstolo prisioneiro necessitava muito mais dos serviços de Onésimo do que o amigo, dono de escravo e mais rico.

**Versículo 14.** Paulo confirmou a ideia que ele já expressara nos versículos 8 e 9. Disse que queria manter Onésimo consigo em Roma e acrescentou a Filemom: **Nada, porém, quis fazer sem o teu consentimento**. Em contraste com a ação contínua do tempo imperfeito (“Eu queria” ou “eu estava querendo”; v. 13), “Eu... quis” (ἠθέλησα, *ethelesa*) é expresso no tempo aoristo. Paulo estivera dividido

<sup>7</sup>Joseph A. Fitzmyer, *The Letter to Philemon*, The Anchor Bible, vol. 34c. Nova York: Doubleday, 2000, p. 28.

<sup>8</sup>James D. G. Dunn, *The Epistles to the Colossians and to Philemon: A Commentary on the Greek Text*, The New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996, pp. 304–5.

<sup>9</sup>Barth e Blanke, p. 30.



entre o que seu coração desejava fazer por Onésimo e o que ele sabia que devia fazer naquela situação. No fim venceu o bom senso, a decisão foi tomada e Onésimo foi mandado de volta a Colossos.

Outra alternativa para Paulo era ficar com Onésimo e mandar uma carta pelas mãos de Tíquico para explicar a Filemom o que ele estava fazendo. O resultado final poderia até ser o mesmo. As duas abordagens poderiam resultar na permissão de Filemom para que Onésimo ministrasse a Paulo em Roma. Todavia, não foi por essa alternativa que Paulo optou. A decisão que o apóstolo tomou, disse ele a Filemom, foi feita **para que a tua bondade não venha a ser como que por obrigação, mas de livre vontade**. Esta frase resume o âmago de toda a carta. Paulo esforçou-se ao máximo e superou suas ansiedades não só para chegar a um bom *fim*, mas também para usar um bom *meio* em busca desse fim. Mesmo podendo ter ordenado (v. 8) e até obrigado (v. 14), o apóstolo optou por “solicitar” (v. 9) e pedir. Ele usou a mesma palavra, aqui traduzida por “obrigação”, num sentido similar quando escreveu à igreja em Corinto: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou *por necessidade*; porque Deus ama a quem dá com alegria” (2 Coríntios 9:7; grifo meu).

#### 15–17

<sup>15</sup>**Pois acredito que ele veio a ser afastado de ti temporariamente, a fim de que o recebas para sempre,**  
<sup>16</sup>**não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo, especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor.**

<sup>17</sup>**Se, portanto, me consideras companheiro, recebe-o, como se fosse a mim mesmo.**

**Versículo 15.** **Pois acredito** era uma forma suave de introduzir um possível entendimento espiritual de toda a saga de Filemom e seu escravo fugitivo. “Acredito” traduz o advérbio *τάχα* (*tacha*), que é um “indicador que expressa contingência oscilando entre probabilidade e pouca possibilidade, *talvez, possivelmente, provavelmente*”<sup>10</sup>. Se Paulo pretendia comunicar “talvez” ou um mais confiante “provavelmente”, ele estava apresentando a interpretação dos fatos como uma possibilidade, e não uma certeza.

Ele disse a Filemom: **Ele veio a ser afastado de**

<sup>10</sup>Bauer, p. 992.

**ti.** Levantar essa possibilidade era uma forma delicada e não arbitrária de falar de um escravo fugitivo. O que Onésimo fizera era errado, e seu senhor sofrera prejuízo por causa de seu comportamento (v. 18). Todavia, Paulo acreditava que algo maior do que um conflito entre senhor e escravo estava por acontecer. A mão providencial de Deus estivera em ação todo o tempo para cumprir um propósito maior.

**Temporariamente** consta no original como “por uma hora” (2 Coríntios 7:8; veja Gálatas 2:5) e parece minimizar demais o tempo que Onésimo estivera fora de seus deveres. Paulo sempre chamava os cristãos a olharem para o “panorama geral” da vida (Romanos 8:18; 2 Coríntios 4:17). Uma perspectiva mais ampla permite ver a situação atual com muito mais precisão (Romanos 8:28–39).

**A fim de que o recebas para sempre** deixa o leitor moderno imaginando se Paulo falava no sentido físico ou espiritual. Estaria o apóstolo dizendo que, porque Onésimo se tornara cristão (v. 16), ele e Filemom eram agora irmãos em Cristo por toda a eternidade? Ou será que se referia a Cristo ter transformado o escravo “inútil” de Filemom num escravo “útil” (v. 11), que não fugiria de novo, mas o serviria fielmente todos os dias de sua vida? Não há razão convincente para escolhermos uma destas opções. O texto pode parecer intencionalmente vago, concedendo novamente a Filemom a liberdade de tirar suas próprias conclusões.

O raciocínio de Paulo no versículo 15 traz à mente as famosas palavras de José, filho de Jacó. Após a morte do pai, José conversou com seus irmãos sobre sua experiência com a escravidão. Disse ele: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida” (Gênesis 50:20). Jerônimo (345–420 d.C.), em seu comentário a Filemom, escreveu algo similar:

Às vezes, a ocasião do mal se torna a ocasião do bem e Deus faz uma reviravolta nos planos humanos... Se, na verdade, [Onésimo] não tivesse fugido de seu senhor, ele jamais teria chegado a Roma, onde Paulo estava preso em algemas. Se ele não tivesse conhecido Paulo em algemas, ele não teria aceitado a fé em Cristo, não teria se tornado filho de Paulo, para, então, ser enviado a trabalho do evangelho...<sup>11</sup>

<sup>11</sup>Jerônimo, citado em Peter Gorday e Thomas C. Oden, ed., *Colossians, 1–2 Thessalonians, 1–2 Timothy, Titus, Philemon*, Ancient Commentary on Scripture. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000, p. 316.

**Versículo 16.** A frase iniciada no versículo 15 continua aqui: Onésimo voltara a Filemom “para sempre”, mas **não como escravo**. Esta é a primeira ocorrência da palavra “escravo” na carta. Embora a alforria (o processo formal de conceder liberdade a um escravo) certamente fosse o desejo de Paulo para Onésimo, este versículo não indica que ele estava instruindo Filemom a libertar seu escravo. Pelo contrário, era um chamado para um novo relacionamento que o faria ver Onésimo como **muito acima de escravo**. Paulo não estava contestando a questão da escravidão; ele estava transcendendo tudo isso.

Onésimo devia ser visto como alguém muito acima de um escravo. Em Cristo ele se tornara um **irmão caríssimo**. “Irmão” é um termo que já fora aplicado a Timóteo na introdução e “caríssimo” é a tradução da mesma palavra grega usada para descrever o próprio Filemom (v. 1). Paulo escrevera anteriormente aos gálatas:

Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; *nem escravo nem liberto*; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gálatas 3:26–28; grifo meu).

Assim como gênero e raça não desaparecem quando o indivíduo se torna cristão, as condições sociais e econômicas – incluindo a escravidão – não evaporam com a conversão. Existe, sim, uma nova posição em Cristo que transcende todas as categorias humanas.

Paulo expôs repetidas vezes sua afeição por Onésimo, e fez isto de novo quando escreveu que Onésimo era um irmão amado **especialmente de mim**. Filemom poderia até esperar que Paulo dissesse isto, mas não poderia prever que ele acrescentasse: **Com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor**. O escravo e o dono de escravo tinham um relacionamento duplo. Na carne eles estavam ligados legal, econômica e socialmente. No Senhor eles estavam ligados pelo sangue de Jesus e pelo Espírito Santo que habitava em ambos. As palavras que Paulo enviou anteriormente aos coríntios tocavam diretamente nesta questão:

Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo. E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas (2 Coríntios 5:16, 17).

**Versículo 17. Se, portanto, me consideras companheiro** significa literalmente “se, então, você me tem como um companheiro”. “Companheiro” é a tradução do substantivo grego κοινωνός (*koinonos*), um termo que era comumente usado com referência a um companheiro de negócios (Lucas 5:10). Vem da mesma raiz que o substantivo κοινωνία (*koinonia*), usado no versículo 6. Paulo já tinha se dirigido a Filemom como seu “colaborador” no versículo 1. O significado quase óbvio desta frase é: “Eu sei que me consideras como um companheiro”. (Veja uma construção semelhante em Filipenses 2:1.)

**Recebe-o, como se fosse a mim mesmo** é o primeiro imperativo da carta. Paulo foi cuidadoso em não “ordenar” (v. 8) Filemom a reagir de determinado modo. Mesmo aqui, ele colocou o imperativo numa oração condicional. “Recebe” era uma palavra significativa para Paulo. Sendo aqui uma flexão do verbo grego προσλαμβάνω (*proslambano*), foi também usada para exprimir a maneira como Deus aceita as pessoas (Romanos 14:3; 15:7) e, por semelhante modo, como os cristãos devem se aceitar uns aos outros (Romanos 14:1; 15:7).

O pedido de Paulo em favor de Onésimo é muito semelhante ao pedido de Jesus em favor dos que têm fome e sede, dos estrangeiros, dos que estão nus, dos enfermos e dos presos em Mateus 25. Jesus disse que Ele declarará no Dia do Juízo: “Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes” (Mateus 25:40). Caso fosse difícil para Filemom ver algum bem em Onésimo, ele deveria imaginar que estava lidando com o próprio Paulo.

## 18–20

<sup>18</sup>E, se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta. <sup>19</sup>Eu, Paulo, de próprio punho, o escrevo: Eu pagarei – para não te alegar que também tu me deves até a ti mesmo. <sup>20</sup>Sim, irmão, que eu receba de ti, no Senhor, este benefício. Reanima-me o coração em Cristo.

**Versículo 18.** Paulo usou, até aqui, uma linguagem espiritual e argumentos espirituais. No versículo 18 vemos uma destacada mudança para o mundo do comércio. **E, se [εἰ δέ τι, *ei de ti*] algum dano te fez** não implica que Paulo e Filemom concordassem exatamente com o que Onésimo fizera<sup>12</sup>.

<sup>12</sup>Dunn afirmou que aqui “if” (*ei... ti*) significa “qualquer que seja” (Dunn, p. 338).

Isto simplesmente deixa claro que qualquer erro cometido por Onésimo não anulava o que Paulo dissera sobre ele ou sobre suas esperanças de que Filemom o tratasse com bondade.

Teria Onésimo utilizado mal os recursos de seu senhor, roubado dele para pagar sua viagem a Roma ou meramente abandonado seus serviços por um longo período? “Fazer dano” é a tradução do verbo grego ἁδικέω (*adikeo*), usado por Paulo também em Colossenses, quando escreveu a respeito de escravos e senhores: “Pois aquele que *faz injustiça* receberá em troca a injustiça feita; e nisto não há acepção de pessoas” (Colossenses 3:25; grifo meu). Pode ser que Paulo tenha feito esse comentário em Colossenses pensando especificamente em Onésimo e Filemom.

Dando continuidade à linguagem técnica do comércio, Paulo disse: **Ou se te deve alguma coisa** (veja Mateus 18:28, 30). O pai na fé de Onésimo estava assumindo a responsabilidade por todas as suas dívidas e obrigações para com Filemom. Quando disse: **Lança tudo em minha conta**, Paulo estava novamente se colocando entre Filemom e Onésimo. Não havia como o escravo pagar a dívida que devia, por isso Paulo a assumiu. (Este gesto ecoa a história da cruz; veja Romanos 5:6–10; 8:1–4.) Outro termo comercial, o verbo grego ἐλλογέω (*ellogeo*), é usado nesta frase com o significado de “debitar uma obrigação financeira”<sup>13</sup>. Em todo o Novo Testamento, este verbo só aparece aqui e em Romanos 5:13, onde é traduzido por “levado em conta”.

**Versículo 19.** Com as palavras **Eu, Paulo, de próprio punho, o escrevo: Eu pagarei**, o apóstolo transforma este trecho de sua epístola numa nota promissória. Era típico de Paulo escrever à mão nos encerramentos de suas cartas como uma forma de autenticar o documento (Colossenses 4:18; Gálatas 6:11; 1 Coríntios 16:21). Aqui, porém, de próprio punho, ele garantiu o pagamento de qualquer dívida ou prejuízo que Onésimo devesse a Filemom. Em concordância com o vocabulário dos versículos 18 e 19, Paulo usou o verbo grego ἀποτίνω (*apotino*), outro termo técnico de finanças. Esta palavra, que significa “compensar, pagar danos”<sup>14</sup>, só aparece neste versículo do Novo Testamento, mas consta em antigos documentos legais referentes a finanças.

Paulo, a seguir, migrou da linguagem financeira

para a linguagem da fé. Naquele que talvez seja o argumento mais pesado desta ponderadíssima carta, Paulo lembrou Filemom: **Para não te alegrar que também tu me deves até a ti mesmo**. Filemom tornara-se cristão por influência do ministério de Paulo. Consequentemente, Filemom tinha uma dívida espiritual com Paulo muito maior do que qualquer dívida financeira que Onésimo pudesse ter com ele.

**Versículo 20.** Na última parte de seu apelo, Paulo repetiu uma série de palavras e ideias principais mencionadas na oração e nos agradecimentos do início da carta (v. 7). **Sim, irmão** era uma confirmação da relação de família que Paulo tinha com Filemom (v. 7) e Onésimo (v. 16). Paulo manteve um cuidadoso senso de equilíbrio em toda a carta, misturando um argumento forte imediatamente com uma palavra bondosa de amável aprovação, um elogio. Qualquer que fosse a pressão causada por Paulo sobre Filemom, ele queria que seu irmão soubesse que ele o considerava como um amado irmão e um colaborador (vv. 1, 20).

**Que eu receba de ti, no Senhor, este benefício** é outro jogo de palavras com o nome do escravo. A forma verbal do nome “Onésimo”, ὀνίνημι (*onine-mi*), só aparece aqui em todo o Novo Testamento. “Onésimo” significa “útil” ou “benéfico”. A esta altura, Paulo virou a situação totalmente ao contrário. Ele estava pedindo ao dono, e não ao escravo, que fosse “útil” ou “benéfico” para ele no Senhor.

A alegação anterior de Paulo sobre Filemom ecoa no pedido: **Reanima-me o coração**. No versículo 7 ele disse: “...irmão [*adelfe*] ... o coração [*splagchna*] dos santos tem sido reanimado [*anapauo*] por teu intermédio”. No versículo 20, ele pediu que seu irmão (*adelfe*) reanimasse (*anapauo*) seu coração (*splagchna*). Em suma, ele estava convocando Filemom a agir em conformidade com sua reputação, um recurso retórico que Paulo também usou com os cristãos de Corinto (2 Coríntios 9:1–5). Filemom era conhecido por ter reanimado o coração dos santos. Paulo estava simplesmente pedindo o mesmo favor na situação que envolvia Onésimo.

O pedido termina com as palavras **em Cristo**, um conceito intimamente ligado a “no Senhor”, citado antes no versículo. A força de toda a argumentação de Paulo estava no reconhecimento de que os cristãos, independentemente da posição que ocupam na vida terrena, são servos do mesmo Senhor (Colossenses 3:22–4:1).

<sup>13</sup>Bauer, p. 319.

<sup>14</sup>Ibid., p. 124.



## APLICAÇÃO

### Verbalizando o Problema (v. 10)

Anos atrás, levei uma mensagem à cerimônia fúnebre de um amigo que havia morrido de AIDS. Na verdade, falei em duas cerimônias fúnebres dessa mesma pessoa. A primeira foi na cidade onde ele morava, e a segunda foi na pequena cidade natal dele, na zona rural. Durante algum tempo ele viveu em rebeldia contra Deus e contraiu HIV através de um estilo de vida homossexual. Dou graças porque, como o filho pródigo da parábola, ele “caiu em si”. Voltou para Deus e viveu seus últimos anos sendo um cristão fiel.

Na primeira cerimônia fúnebre, todos conheciam a história de pecado e arrependimento dele. Falamos abertamente da tragédia da AIDS e da beleza do perdão de Deus. Entretanto, quando viajei horas até a cidade natal dele, logo ficou evidente que a AIDS era uma coisa que ninguém mencionava ali. Era o “segredo” tenebroso, trágico e impronunciável que todos sabiam.

Enquanto proferia a mensagem, pude sentir a tensão aumentando no auditório. Uma coisa clamava por ser dita, mas parecia que todos temiam ouvi-la. Finalmente, a certa altura da mensagem, eu falei da AIDS. A sensação foi como se eu tivesse martelado o vidro de uma janela. Alguma coisa tinha se espatifado. Um punhado de mulheres começou a chorar alto. A tensão já era total quando a difícil verdade foi dita. Mas foi só depois disso que teve início o verdadeiro luto e o alívio.

A atmosfera dessa cerimônia fúnebre deve ter sido semelhante à da igreja em Colossos, no dia em que a carta a Filemom foi lida. Onésimo voltara com Tíquico. Todos sabiam que havia um seriíssimo problema entre Filemom e seu escravo fugitivo. Em que estavam pensando? O que aconteceria? O que Paulo pensava da situação? A tensão ia aumentando enquanto a carta era lida.

Finalmente, o silêncio foi quebrado; o nome de Onésimo foi dito (v. 10). Talvez a situação fosse comparável à de alguém atirando um jarro de barro num piso de pedra. Talvez alguém tenha entendido. Talvez alguns tenham chorado. A pior parte, porém, tinha acabado. O terrível “segredo” fora dito e, então, poderia ter início o alívio.

### De Sua Livre e Espontânea Vontade (v. 14)

Se a história a seguir é um relato verídico ou uma parábola moderna, não sei. Já ouvi variadas

versões em muitos sermões. Conta-se que uma mulher apaixonou-se e casou-se, na esperança de viver “feliz para sempre”. Todavia, certa manhã, pouco depois que o casal voltou da lua-de-mel, o marido presenteou a esposa com uma lista. Quando ela a leu, a primeira reação foi rir, pensando que aquilo fosse uma brincadeira absurda – porém, a jovem logo percebeu que o marido não estava rindo e que o assunto era sério para ele.

Retornando os olhos para a lista, a jovem começou a ler. O marido tinha detalhado exatamente como queria que ela fizesse tudo! A lista continha informações sobre o que ele queria comer, as horas em que ele queria suas refeições servidas, a maneira como ele queria que suas roupas fossem cuidadas, e quase todos os demais detalhes imagináveis dos deveres de uma dona-de-casa. Ele se mostrou um marido frio, severo, exigente, insensível e inflexível. A mulher ficou inconsolável, pois tinha dado a sua palavra nos votos confirmados no altar. E assim ela foi passando seus dias, ano após ano, seguindo cada item da lista ao pé da letra.

Depois de certo tempo, o marido faleceu. E passados alguns anos, a mulher contraiu novo matrimônio. O segundo marido era gentil, bondoso e tolerante. Sempre queria o que era melhor para ela. Aos olhos dele, ela era honrada e nos braços dele, sentia-se segura e verdadeiramente amada.

Um dia, estando casados havia alguns anos, a mulher procurava um objeto que havia guardado. Enquanto vasculhava umas caixas velhas, sua mão esbarrou numa coisa que lhe tirou o fôlego – a lista! Fazia anos que não a via! Só o fato de segurá-la trouxe de volta todo o sofrimento vivido enquanto aquele pedaço de papel foi o seu capataz. Então a mulher pôs-se a chorar.

Sentou-se ali por um tempo, esperando que as lágrimas parassem, e não querendo preocupar o marido com aquelas lembranças angustiantes. Enquanto percorria a lista com os olhos, ocorreu-lhe que estava fazendo para o novo marido tudo o que havia na lista – e amava fazer tudo aquilo! Qual era, então, a diferença? O choro aumentou mais ainda quando ela se deu conta de que o trabalho exaustivo nunca fora de fato o problema. Ela amava servir o novo marido, e fazia isso tudo *sem lista alguma*. A diferença entre ser forçada a fazer uma coisa e ser livre para fazer é a diferença entre escravidão e amor.

### Talvez por Essa Razão (v. 15)

Uma das maiores psicólogas de todos os tem-

pos é minha mãe. Quando meus três irmãos e eu estamos juntos, nós comentamos admirados do modo como ela nos ensinou a pensar. Um dos maiores dons que ela nos deu foi o hábito de olhar para as bênçãos em cada situação difícil.

Lembro-me vividamente das viagens que fazíamos na infância para ver nossos avós. Eles eram pessoas muito especiais em nossas vidas, e ficávamos tristes quando era hora de voltar para casa. Na saída, ficávamos acenando aos prantos, de dentro do carro, até não os vermos mais. Depois mamãe sempre dizia: “Vocês não iam querer que fosse diferente! Não seria péssimo se vocês não ficassem tristes quando fossem embora? Isto significaria que estas pessoas não são tão maravilhosas assim”. Embora essas palavras servissem de pouco consolo enquanto tentávamos internalizá-las, sabíamos que mamãe estava certa.

A mensagem de Paulo em Filemom 15 é muito semelhante a esta história. Ele mostrou que havia um “raio de esperança” atrás da nuvem do problema relativo a Onésimo. Se Onésimo não tivesse fugido, talvez nunca tivesse se tornado cristão. Estava voltando como alguém muito acima de um escravo; era agora um irmão em Cristo. Paulo parecia estar dizendo: “Filemom, você não ia querer que fosse diferente!”

### **Mais do que um Escravo (v. 16)**

William Wilberforce (1759–1833) passou a vida lutando pela abolição do comércio escravagista no Império Britânico. Tendo iniciado sua carreira política aos vinte e um anos, passou os primeiros anos no Parlamento praticamente inativo. Por volta de 1787, porém, isso mudou. Em 28 de outubro de 1787, ele escreveu em seu diário: “Deus Todo-Poderoso colocou diante de mim dois grandes objetivos, a supressão do comércio escravagista e a reforma dos padrões de conduta [moralidade]”. E para estas duas grandes causas ele dedicou o resto de sua vida.

Em sua jornada pela abolição do comércio escravagista, Wilberforce desenvolveu uma série de alianças estratégicas. Uma delas foi com o famoso ceramista Josiah Wedgwood. Wilberforce convenceu-o a criar um medalhão especial para ser usado como um iniciador de conversa. No centro desse medalhão havia a figura de um escravo africano ajoelhado e acorrentado, suplicando e abaixo dele, os dizeres: “Acaso não sou homem e irmão?”

Wilberforce entendia que o apoio para a escla-

vidão começaria a perder força quando as pessoas parassem de ver os escravos como propriedade e comesçassem a vê-los como seres humanos e membros da raça humana. O apóstolo Paulo fez isto. Quando mandou Onésimo de volta ao seu senhor Filemom, ele mandou-o com uma carta. Nessa carta, Paulo escreveu que o mandava de volta “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (v. 16). No momento em que Filemom comesçasse a ver Onésimo como um membro da família cristã, as preocupações de Paulo cessariam.

Como Filemom reagiu à proposta de Paulo? Não sabemos. Considerando que a carta a Filemom sobreviveu e encontrou seu lugar no Novo Testamento, existe uma grande possibilidade de que o dono do escravo tenha reagido como Paulo esperava.

A longa cruzada de Wilberforce terminou em sucesso. Quarenta e seis anos depois que ele se dedicou à abolição do comércio escravagista, em 26 de julho de 1833, a Câmara dos Comuns britânica votou a favor da abolição da escravatura em todo o Império Britânico. Wilberforce morreu três dias depois, sabendo que os escravos, finalmente, passaram a ser vistos como “homens” e “irmãos”.

### **“Aceite-o como você me aceitaria” (v. 17)**

Leo Tolstoy, um escritor russo que viveu de 1828 a 1910, escreveu um conto intitulado “Onde existe amor, Deus aí está”. A personagem central é um sapateiro chamado Martin Avdeich, que vivia e trabalhava num pequeno cômodo de subsolo. A única janela do local ficava a uma altura que só permitia que Martin visse os pés das pessoas quando passavam pela rua.

Certa noite, enquanto dormia, Martin ouviu uma voz chamando: “Martin, Martin! Olhe para a rua amanhã, porque eu virei”. Convencido de que aquela era a voz do Senhor, passou o dia seguinte ansioso, à espera da chegada do Senhor. Todavia, à medida que o dia foi passando, aconteceu uma série de fatos aparentemente corriqueiros.

Um velho e fatigado soldado chamado Stepanich limpava a neve da calçada quando Martin compadeceu-se dele e convidou-o a entrar na loja para tomar uma xícara de chá quente. Mais tarde, ele ouviu um bebê chorando e saiu da loja, deparando-se com uma jovem senhora faminta segurando seu bebê também faminto. Vendo que ela não tinha um casaco adequado para o tremendo frio que fazia, deu-lhe uma velha capa.

Um tempo depois que a mulher e o bebê foram



embora, Martin ouviu uma balbúrdia vindo da rua e foi ver o que se passava. Encontrou uma velhinha vendendo maçãs. Ela flagrara um menino de rua roubando uma maçã e o agarrara pelos cabelos. Martin tentou fazer as pazes entre os dois e até se ofereceu para pagar a maçã roubada. Após vários minutos de conversa, a mulher e o menino fizeram as pazes e foram embora. O menino, carregando alegremente o saco de maçãs para a velhinha.

À noite, ao sentar-se para ler a Bíblia, Martin ouviu uma voz dizendo: “Martin, Martin, você não me reconheceu?” Martin perguntou: “Quem é?” “Sou eu”, respondeu uma voz conhecida. Então, em meio à escuridão, surgiu o velho soldado Stepanich e logo depois desapareceu. “Sou eu”, disse outra voz.

Depois Martin viu a jovem mãe com o bebê e ela também desapareceu. “Sou eu”, disse uma terceira voz. E por fim apareceram a velhinha que vendia maçãs e o menino e depois sumiram.

Martin finalmente entendeu que, na verdade, ele tinha visto o Senhor naquele dia. Ele leu na Bíblia as seguintes palavras de Jesus: “Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes” (Mateus 25:35). Depois também leu: “Sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40).

Tolstoy concluiu: “E Martin entendeu que seu sonho se tornou realidade e que o Salvador na verdade foi até ele naquele dia e ele o recebeu bem”.

Autor: Bruce McLarty  
© A Verdade para Hoje, 2015  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS